UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

FERNANDA DE SOUSA XAVIER

CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL REFERENTE À IDENTIDADE ETNICORRACIAL

CAJAZEIRAS PB
2013

FERNANDA DE SOUSA XAVIER

CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL REFERENTE À IDENTIDADE ETNICORRACIAL

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação: teorias e práticas educativas como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pela UFGC.

Orientadora: Profa. Dra. Risomar Alves dos Santos.

CAJAZEIRAS-PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER

Xavier, Fernanda de Sousa
X3c Concepções de alunos do ensino fundamental referente à identidade etnicorracial - PB. / Fernanda de Sousa Xavier. – Campina Grande – PB, 2013.
37 fls.

Orientador (a): Profa. Dra. Risomar Alves dos Santos
Especialização em Educação Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras – PB,

1. Educação 2. Diversidade Etnicorracial
3. Cultura afro-brasileira I. Título
II. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

BC CDU: 37
Laureno Marques Sales – Bibliotecário. CRB 15/121



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

FERNANDA DE SOUSA XAVIER

CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL REFERENTE À IDENTIDADE ETNICORRACIAL

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação: teorias e práticas educativas como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pela UFGC.

Orientadora: Profa. Dra. Risomar Alves dos Santos.

Aprovada em: ____ de ____ de ____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Profa. Dra. Risomar Alves dos Santos.

Profª Msc. Ane Cristine Hermínio Cunha

Profª Msc. Stella Marcia de Morais Santiago

Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, pois é ele quem nos proporciona a vida e toda sua composição. Sendo assim, se cheguei até aqui foi por consentimento dele.

Aos meus pais, que não hesitaram em me apoiar em todas as minhas decisões, com muito amor e dedicação.

Gostaria também de agradecer ao Coordenador da Especialização, Doutor Dorgival Gonçalves Fernandes, por ter proporcionado um curso que nos fez evoluir intelectualmente, nos dando apoio no que fosse necessário.

Em especial, agradeço a minha orientadora, a Doutora Risomar Alves dos Santos, pela sua disposição em trabalhar comigo, com muita paciência e dedicação.

Aos demais professores do curso de Especialização, em especial nossa mestra Nozângela, a Doutora Lílian Galvão, o Doutor Francisco Loyola, a Mestra Débia Suênia, enfim, a todos que formaram o corpo docente.

Aos meus amigos Lucinha, Cássio Monteiro, Danielle, Edna Ferreira, Rubens, Alynne, e aos demais que estiveram sempre comigo, alguns distantes, porém presentes no coração, contribuindo positivamente para minha conquista.

Ao meu namorado, Keveen Ranylo, que esteve sempre do meu lado, apoiando-me e incentivando-me para que eu obtivesse êxito nesse trabalho.

RESUMO

Em várias situações educativas brasileiras, quer no interior de escolas ou de salas de aula, a figura do grupo negro ainda é apresentada apenas pela ótica da escravidão, sem levar em conta as contribuições culturais desse grupo étnico para o país. O Brasil é considerado um país rico em diversidade, ou seja, nele ocorrem várias manifestações de raças, culturas, estilos e modos de viver diferenciados, mas mesmo com essa riqueza, existem pessoas, grupos e até instituições que não aceitam ou não entendem que essas diferenças merecem respeito e aceitação social. Dessa maneira, o objetivo principal dessa pesquisa foi analisar concepções de alunos de 5° ano do Ensino Fundamental referente à identidade etnicorracial, bem como observar o comportamento desses alunos referente a essa cultura; identificar se adotam atitudes preconceituosas com o grupo negro além de perceber qual é a concepção de negro apresentada por estas crianças. A pesquisa foi realizada no município de Coremas-PB em uma escola pública estadual. Os instrumentos utilizados foram a observação em sala de aula e a entrevista. A referida sala correspondia um total de 26 alunos com faixa etária entre 09 e 12 anos. Desses alunos, 08 foram escolhidos para serem entrevistados com o consentimento de pais ou responsáveis. Dentre os entrevistados, 2 eram meninos e 6 eram meninas. Com relação aos resultados, em se tratando da identidade, concepção sobre o que é ser negro e relacionamento com os colegas, perceberam-se manifestações preconceituosas e discriminatórias para com esse segmento populacional. Diante desses dados percebeu-se a importância de trabalhar nas escolas as questões etnicorraciais, para que as crianças tomem conhecimento da história e cultura afrobrasileira e possam aprender e respeitar a diversidade racial existente na sociedade.

Palavras chave: Diversidade etnicorracial. Cultura afro-brasileira. Educação.

ABSTRACT

In many educational situations Brazilian, either within schools or classrooms, the situation of the black group still appears only through the lens of slavery, without taking into account the cultural contributions of this ethnic group in the country. Brazil is considered a country rich in diversity, ie, it occurs several manifestations of races, cultures, styles and different ways of living, but even with this wealth, there are people, groups and even institutions that do not accept or understand that these differences deserve respect and social acceptance. Thus, the main objective of this research was to analyze designs of students from 5th grade of elementary school regarding african-Brazilian culture, as well as observing the behavior of these students regarding this culture; identify ifadopt prejudicial attitudeswith the group blackbeyond; understand what is the concept of black presented by these children. The research was conductedin the municipality of Coremas-PB ina public school. The instruments wereobservingin the classroom mandthenthe interview. That room correspondedtoatotalof 26 studentsagedbetween 09 and12 years. Of these students, 08 were chosen to beinter viewed with the consent of parents or guardians. Among those inter viewedwere 2 boys and 6 were girls. Regarding the results, in the case o fidentity conception of what be ing black and relationshipwith colleagues, we noticed signs of prejudice and discrimination to wards this population segment. Given these da tait was realized the importance of workingin school sétnicoraciaisissues, so that children are awareof the history and african-Brazilian culture and tolearn and respect the racial diversityin society.

Keywords: Diversity etnicoracial. African-Brazilian Culture. Education.

SUMÁRIO

Introdução..... 07

I. Discutindo o referencial teórico..... 11

1.1. O contexto africano e a gênese da escravidão..... 11

1.2. O Brasil e o tráfico de escravos..... 13

1.3.Brasil: Incorporação da cultura africana.....14

1.4. Entre o preconceito e a razão: a figura do negro na escola.....15

1.5. A discriminação contra o negro no Brasil.....18

1.6. O negro na sociedade brasileira: o que dizem as leis?..... 19

II. Analisando os achados da pesquisa..... 23

2.1. Relacionamento na escola e em sala de aula..... 23

2.2. O que é ser negro?..... 26

2.3. Identidade e raça: ser ou não ser negro..... 29

2.4. A face do preconceito racial: o que dizem as crianças..... 31

Considerações..... 34

Referências..... 36

INTRODUÇÃO

Diante diversos momentos educacionais no Brasil, em escola ou quaisquer ambientes sociais, o grupo negro é apresentado apenas pela ótica da escravidão, pois toda sua riqueza, no que diz respeito aos bens culturais não é valorizada e nem trabalhada nas escolas públicas. Representantes de escolas sejam professores, gestores e alunos, muitas vezes, ignoram as capacidades intelectuais dos negros, assim como toda sua cultura trazida para o Brasil, que até hoje é cultivada por todos que aqui habitam. Os costumes, as danças, as comidas típicas e muito mais compõem um conjunto rico na formação da cultura afro-brasileira, a qual precisa ser respeitada e valorizada.

Do profissional da área de educação requer-se compromisso e responsabilidade, este, tem um papel fundamental na formação educacional e cidadã dos indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Processo esse, que, no Brasil, encontra diversas lacunas, principalmente quando se trata do trabalho com a história e cultura africana e afro-brasileira.

O Brasil é considerado um país rico em diversidade, ou seja, nele ocorrem várias manifestações de raças, culturas estilos e modos de viver. Mesmo com essa riqueza, existem pessoas, grupos, e até instituições que não aceitam ou não entendem que essas diferenças merecem respeito e aceitação social.

Diante tais inquietações surgiu a necessidade de estudar, de maneira mais detalhada essa temática, que ainda afeta tantas pessoas fazendo-as vítimas de vários tipos de preconceito.

Dessa forma, alguns questionamentos foram feitos para melhor compreensão da pesquisa que foram os seguintes: Como os educandos do 5° ano do Ensino Fundamental percebem a cultura afro-brasileira? Os educandos manifestam algum tipo de preconceito ou discriminação referente ao grupo negro? Qual a postura dos educadores diante de questões ligadas à história e cultura afro-brasileira?

Esses questionamentos são pertinentes para a discussão da temática, pois indicam que o trabalho com questões etnicorraciais é de relevância social, por se tratar de uma temática concatenada com os direitos humanos, em especial, pelo direito dos povos negros, pela sua história e suas contribuições, aos brasileiros. Dessa maneira, o referido trabalho objetivou inicialmente analisar concepções de alunos de 5° ano do ensino fundamental de uma escola pública referente à cultura afro-brasileira. Esse trabalho teve por objetivos: analisar o comportamento de alunos do 5° ano do ensino fundamental referente à cultura afro-brasileira

e identificar junto aos alunos se adotam atitudes preconceituosas com o grupo negro, além de perceber qual é a concepção de negro apresentada por essas crianças.

O referido trabalho, intitulado "Concepções de alunos do ensino fundamental referente à cultura afro-brasileira" buscou fontes bibliográficas, no intuito de entender, teoricamente como trabalhar a temática em questão, e pode-se dizer que:

> A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, e publicados por meios escritos e eletrônicos, com os livros, artigos científicos, páginas de Web sites, sobre o tema que desejamos conhecer. (MATOS 2002, p. 40)

Percebe-se então, para que um tema seja bem abordado e fundamentado é preciso que se faça uma pesquisa bibliográfica. Para a autora citada, toda temática pesquisada precisa, necessariamente, desse tipo de estudo por permitir um conhecimento mais aprofundado e diversificado do tema.

Para a realização da pesquisa foi observada uma sala de aula do 5° ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Rede Estadual, localizada na cidade de Coremas-PB. A perspectiva dessa observação foi verificar e procurar entender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem, tendo como foco a identidade etnicorracial. A referida turma foi escolhida por se tratar de alunos que se encontram em fase de transição da infância para a adolescência. Fase conflituosa para crianças e adolescentes, segundo a psicologia, mas que propicia a formação de opinião relativa a qualquer temática.

A observação é instrumento de coleta de dados de bastante pertinência para o processo da pesquisa (LAKATOS, 2009) e foi escolhida nesse estudo para facilitar o trabalho de coleta, como também possibilitar uma aproximação com os sujeitos e o objeto da pesquisa. Compreendendo a importância da utilidade desse instrumento, "A observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas". (LAVILLE, 1999, p. 176)

Percebe-se que, na citação acima, a observação como instrumento de coleta de dados possibilita um maior conhecimento da situação pesquisada. Em se tratando da observação em pesquisa científica, pode-se dizer que:

> A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e fenômenos que se deseja estudar. (LAKATOS, 2009, p. 275)

Outro instrumento de coleta de dados foi escolhido, para melhor entendimento e aprofundamento da análise. Esse método utilizado foi a entrevista.

> A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 1997, p57)

Percebe-se, na fala de Minayo, a importância da entrevista no sentido de aprofundar a análise dos dados de uma pesquisa, pois não se trata de uma conversa informal. A entrevista é uma conversação cheia de objetivos e intenções, sempre na busca de uma resposta ou justificativa.

A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo, pois, além dos dados numéricos, a mesma foi analisada para melhor compreensão do fenômeno estudado. Nesse sentido, Lakatos (2009) afirma que o método quantitativo é usado para quantificar amostras e dados numéricos. Para uma pesquisa na área das ciências humanas o referido método, por si só, não atenderia às expectativas, as quais objetivam a pesquisa. Desse modo, faz-se necessário, a utilização do método qualitativo, pois,

> a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc". (LAKATOS, 2009, p. 269)

Percebe-se, através da citação de Lakatos, a importância da abordagem qualitativa para uma pesquisa que envolve instrumentos de coleta de dados e que exige análise mais aprofundada dos fatos vistos na sua realização. A pesquisa também terá por finalidade, sua característica como um estudo de caso, pois foi escolhida apenas uma sala de aula.

Para a observação foi escolhida uma sala de aula do 5° ano de uma escola pública, localizada na cidade de Coremas-PB. A referida sala correspondia a 26(vinte e seis) alunos

com faixa etária entre 9 (nove) e 12 (doze) anos. Desses alunos, 8 (oito) foram escolhidos para serem entrevistados, com o consentimento de pais ou responsáveis. A escolha foi realizada da seguinte maneira: como eram crianças menores de idade, foi solicitado a alguns pais ou responsáveis que assinassem um termo de autorização para que as mesmas pudessem ser entrevistadas. Das 26 crianças da referida turma, apenas 8 foram autorizadas pelos pais a participarem da entrevista. Das crianças escolhidas para a entrevista, 2 (dois) eram meninos e seis eram meninas. Destas, 3 (três) se identificaram negras, enquanto cinco crianças não se identificarem como tal.

O estudo foi realizado como forma de reforçar a importância que a cultura africana e os negros possuem e que nem sempre são valorizados nesse país. E o trabalho vem, exatamente, resgatar essa importância ainda pouco conhecida, por parcela significativa dos brasileiros.

O referido trabalho estrutura-se em duas partes. A primeira que discute, brevemente, a condição do negro no Brasil, tenta explicar e exemplificar alguns costumes e crenças, juntamente com as origens africanas e como esses elementos influenciaram e ainda influenciam a atual cultura brasileira. Tratam também das questões etnicorraciais na escola e o preconceito que as pessoas expressam a respeito do negro. Em seguida apresenta algumas leis, suas histórias e vitórias conquistadas pelos negros para que seus direitos como cidadãos fossem respeitados.

A segunda parte do trabalho refere-se à análise da pesquisa e apresenta temas bastante pertinentes para a discussão, pois trata do comportamento das crianças a respeito do que elas entendem por cultura afro-brasileira. Nessa discussão inclui o relacionamento das crianças na escola, suas identidades etnicorraciais, bem como o que entendem sobre o que é ser negro.

1- DISCUTINDO COM O REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo refere-se à trajetória dos negros no que diz respeito à escravidão. Em seguida trata de relatar como foi a incorporação da cultura africana para o Brasil, como também das formas de preconceito e discriminações sofridas pelos negros, e por último de algumas leis surgidas para o combate aos comportamentos preconceituosos e discriminativos vividos pelo grupo no Brasil.

1.1 O contexto africano e a gênese da escravidão

O continente africano, em especial a África Ocidental, foi marcada, durante muitas décadas, por guerras, disputas de poder e procura por grandes riquezas. Esses fatos, inicialmente, eram determinantes dos habitantes lá existentes.

Segundo Matos (2007), por muitos anos, predominou nesse continente o sistema de escravidão entre as tribos ou reinos. O mesmo ocorreu devido às disputas de diferentes nações e raças africanas, ou seja, aquelas consideradas "poderosas" dominavam as nações menos favorecidas, e assim, obrigavam-nas a servi-los como escravos. Nessa perspectiva, a escravidão iniciou-se entre os próprios negros, no intuito de, os mais fortes, dominarem os mais fracos, e assim, surgiram as primeiras formas de escravidão.

Os povos africanos têm como representações religiosas o culto a vários deuses, além do processo de possessão e reencarnação de espíritos ancestrais. Apesar de essa religião ser marcante na vida desses povos, praticam também o islamismo, o catolicismo, como culturas religiosas africanas. "O islamismo possuía alguns preceitos atraentes e aceitáveis pelas concepções religiosas africanas. Incorporava amuletos, associava as histórias sagradas às analogias, acreditava na revelação divina, na existência de um criador e no destino". (MATOS, 2007, p. 18).

Apesar do culto a vários deuses, algumas nações africanas incorporavam o islamismo, pelo fato deste possuir concepções religiosas concernentes com os preceitos africanos. Características religiosas como o uso de amuletos, que tinham ligações e histórias relacionadas às divindades cultuadas por eles, assim como as revelações divinas, bem semelhantes ao processo de incorporação de espíritos.

Outra característica das nações africanas era a importância dada aos conhecimentos adquiridos de geração para geração. Nessa perspectiva, afirma-se que:

> Até os dias atuais, a maior parte das sociedades africanas subsaarianas dá grande importância à oralidade, ao conhecimento transmitido de geração para geração por meio de palavras proferidas com cuidado pelos tradicionalistas- os guardiões da tradição oral que conhecem e transmitem as ideias sobre a origem do mundo, as ciências da natureza, a astronomia e os fatos históricos. (Idem, p. 19)

Os chamados "guardiões", citados acima, são pessoas muito sábias que por meio de sua sabedoria natural e através da oralidade, transmitem aquilo que conhecem, inclusive em relação às ciências da natureza, que em sua essência, é rica em complexidade. Esses conhecimentos são de certa forma, úteis e beneficiadores para as pessoas que fazem parte de determinada nação a qual exista esse tipo de guardião. (MATOS, 2007)

Em algumas nações existia o rei, ou seja, uma espécie de chefe que detinha o poder e comandava os povos e toda a nação. Esse rei possuía inúmeros descendentes como seus escravos, que o serviam de forma a agradá-lo. Em se tratando do tipo de trabalho realizado pelos escravos africanos nas terras da Senegâmbia[1], pode-se dizer que: a maior parte dos escravos eram mulheres destinadas ao trabalho doméstico, servindo também como concubinas. Os homens escravos trabalhavam como criados, artesãos, soldados, carregadores, funcionários públicos e agricultores. (MATOS, 2007, p. 35)

Como se pode perceber, a questão do gênero interfere no tipo de trabalho realizado pelos escravos da referida nação, ou seja, as mulheres, como sendo pessoas de estrutura física mais frágil, realizavam trabalhos que não exigissem tanta força física. Em contrapartida, os homens, de forte estrutura física, realizavam tarefas consideradas mais pesadas.

A cultura africana foi marcada pela distinção de reis para escravos. Havia várias diferenças entre eles, tanto no modo de ser quanto nos costumes rotineiros. Por essa razão, afirma-se que:

> De fora do continente africano chegavam, sobretudo em grandes navios árabes e indianos, mercadorias de luxo, entre elas contas de vidro e cauris de Maldivas. Os mais abastados faziam suas refeições em tigelas chinesa ou persa. Já os mais pobres comiam em torno de uma grande panela comunitária, em geral, de cerâmica. (Idem, p. 45)

Observou-se que, existem diferenças marcantes entre abastados e pobres. Até o modo de se alimentar desses povos revela a distinção e discriminação por parte daqueles que detêm o poder, o que é comum acontecer em várias sociedades do mundo capitalista.

Levando em consideração todos os fatos relatados aqui, até agora, pode-se dizer que, a escravidão africana e as relações de poder existentes nesse processo, foram um marco histórico como também a rica cultura lá existente. Esses fatos colaboraram para aguçar o interesse de europeus em realizar o tráfico de escravos nas Américas, em especial no Brasil.

1.2 O Brasil e o tráfico de escravos

A escravidão no Brasil foi bastante oportuna devido ao fato de que, no continente africano, já existia escravidão e relações de poder desiguais entre os povos lá existentes. É certo também que, muitos europeus, tiveram sentimentos de interesse para com os escravos africanos, fazendo então, negociações para a aquisição destes como mão de obra importante para a economia europeia.

Desta forma, alguns europeus, mais precisamente os espanhóis, tinham um grande interesse de negociar com os chefes das nações africanas, com o objetivo de adquirir escravos para seu trabalho e contribuir com a economia espanhola. Sendo assim, pode-se dizer que: "durante muitos anos, o tráfico foi a principal fonte de renda da Espanha. Por meio de seus famosos *asientos,* ela concedia a determinados súditos seus e de outras nações o direito exclusivo de fornecer negros escravos às suas possessões de ultramar" (MORAES, 1998, p. 15-16).

Pode-se perceber que, devido ao poder de conquista que os espanhóis tiveram para com os chefes africanos estes conseguiram a permissão para realizar o tráfico de escravos, e assim, adquirirem mão de obra suficiente para enriquecer a economia espanhola.

Em se tratando dos portugueses, estes, além da compra de escravos, tinham o intuito de europeizar os reinos africanos, ou seja, os homens de Portugal queriam impor ou implantar sua própria cultura sobre a cultura africana. Dessa maneira, os africanos, possivelmente, teriam que abolir ou desprezar o que dizia respeito a sua vivência, costumes e tradição (MORAES, 1998).

Devido à religião e a outras características dos africanos, estes, "[...] eram identificados por traficantes, comerciantes, compradores e pela Igreja Católica a grupos

diferentes daqueles aos quais pertenciam antes de serem capturados e transformados em escravos". MATOS (2007, p. 114). Sendo assim, observa-se que, durante muito tempo, os escravos africanos eram encarados com preconceito pelos europeus, pois, devido a sua raça e cultura serem diferenciadas, não eram aceitos pelos brancos, gerando, pois, o que é classificado como discriminação.

Devido ao grande número de negros africanos escravizados e traficados para o Brasil, no decorrer dos anos de regime escravo, foi possível que a cultura africana, tenha-se instalado entre os povos brasileiros. Apesar de essa cultura ter sido desprezada e discriminada durante o período da escravidão, aos poucos, os negros preservavam seus costumes e rituais africanos.

Nesse período houve diversas junções de brancos com negros, havendo assim a mistura de raças. Desse modo se tem a chamada miscigenação, ou seja, uma mistura de raças que originaram várias outras raças diversificadas. A referida união se deu no intuito de interesses particulares dos portugueses. Dessa maneira Matos, (2007, p. 71) afirma:"A união entre traficantes e portugueses contribuiu para que estes tivessem um contato mais próximo com as chefias locais, facilitando o estabelecimento das relações comerciais de forma mais tranquila e segura."A referida união dizia respeito a um conjunto de interesses, nos quais, com certeza, os portugueses seriam beneficiados, do contrário, não aceitariam a junção aos negros.

Ainda assim, os negros, mesmo de forma discreta, propagaram sua cultura no Brasil. Essa rica cultura diz respeito a danças, músicas, costumes e, em destaque, doutrinas religiosas. Sendo assim: "as revelações africanas aconteciam por meio de sonhos, presságios, adivinhações, visões e possessões mediúnicas, e por isso os europeus acreditavam na sua origem diabólica". (MATOS, 2007, p. 84)

Por se tratar de algo diferente da doutrina religiosa européia, as crenças africanas eram consideradas como algo que fosse distinto da "bondade" e "santidade" que uma religião pode proporcionar a um indivíduo. É por isso e por diversos outros motivos que houve, entre os europeus, preconceito e discriminação para com os escravos e suas religiões.

Mesmo com o referido preconceito, aos poucos, alguns europeus foram tendo curiosidade de conhecer a cultura religiosa africana. Nesse ato de conhecer, alguns deles até incorporaram a suposta religião. Dessa maneira, pode-se dizer que:

> Apesar da influência marcante da matriz europeia por força da colonização ibérica em nosso país, a cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígena e africana. Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. (FERNANDES, 2005, p. 379).

Nota-se aqui, a força que os negros possuíam. Apesar da subordinação imposta pelos brancos, aos poucos, os negros foram conquistando seu espaço, de certa maneira. E essa conquista de espaço para os negros proporcionou-lhes algumas vitórias. Uma delas foi a liberdade dos escravos através da alforria. Alforria era uma carta que os senhores, aqueles que se autoconsideravam donos dos negros, proporcionavam aos escravos garantindo sua liberdade.

1.3 Entre o preconceito e a razão: a figura do negro na escola

Como falar na raça negra no Brasil sem falar em preconceito? Parece praticamente impossível, pois, como se pode perceber, o preconceito, em se tratando de diversidade de culturas, paira por toda a sociedade, inclusive nas escolas, justo estas que têm o papel de instruir pessoas a serem cidadãs e conscientes de sua prática.

Para enfatizar melhor a temática em questão, o autor a seguir afirma ser o preconceito:

> A atitude que subjaz ao preconceito baseia-se, por sua vez, em conteúdos emocionais: atração, amor, admiração, medo, raiva, repulsa... Os preconceitos, assim constituídos, são como *filtros de nossa percepção,* colorindo com o olhar, modulando o ouvir, modulando o tocar... _fazendo com que não percebamos a totalidade do que se encontra a nossa frente. (AMARAL,1998, p. 17)

Percebe-se, até aqui, que o que é caracterizado por preconceito é, justamente, aquilo que os indivíduos concebem em relação a outrem, sem conhecê-lo realmente, ou seja, o sujeito preconceituoso (que não procura saber profundamente como é aquele que está sendo alvo do seu pré- julgamento) apenas atribui significados (e até estereótipos) baseados pela sua limitada percepção.

Em se tratando do preconceito propriamente dito, afirma-se que, este, pode apresentar-se de diversas maneiras, pois, ele não se manifesta apenas de maneira intencional (recriminatória), mas também de forma inconsciente, ou seja, manifesta-se sem que o sujeito saiba que está sendo preconceituoso. Sendo assim, é correto afirmar que:

> [...] o preconceito, em si, nem sempre é um ato recriminatório. A violência do preconceito não está na diferença que realizamos mentalmente, mas na forma como agimos com base nessa noção. Ou pior, na estratégia apoiada na possibilidade de eliminar o outro que é diferente. A intolerância, por exemplo, é a atitude que responde pela vontade de eliminar o outro, ou é a própria negação da existência do outro, que é diferente. É a atitude de recusa de aceitação do outro tal como é. (ITANI, 1998, p128)

A simples prática de recusa do outro, pelo fato de ser diferente, também pode ser classificada como sendo uma prática preconceituosa. Esta prática pode, por muitas vezes e/ou situações ser originada por outras práticas antecedentes, como forma de "educação", ou seja, possivelmente, o ator do preconceito, de maneira nem sempre intencional, foi educado como tal, não só pela família, mas em diversos lugares, e dentre este lugares está inserida a escola.

Apesar de esta ser considerada como sendo o pilar fundamental, não só para a aquisição de conhecimentos como também para a formação de pessoas praticantes da cidadania, muitas vezes, a escola propicia a prática do preconceito.

> A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social e nos comportamos como se isso não existisse. Com isso estamos sempre em situações de fragilidade, de "estar pisando em ovos" na prática escolar, sem podermos romper com isso. É fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar, e por vezes, de caráter elitista. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença, que é muito presente no cotidiano brasileiro. (ITANI, 1998, p120-121)

Como se pode ver, a escola, por muitas vezes, manifesta-se de forma elitista e racista no seu sistema de ensino. Apresentando-se dessa maneira, deixa de lado manifestações culturais que possuem seu devido valor, mas que a sociedade, na maioria das situações, faz questão de desvalorizar, por meio da não aceitação.

Pode-se dizer que muito tem sido feito para a melhoria das relações sociais, no que se refere à inserção do negro nessas relações. No entanto, é perceptível que, em muitos lugares os negros ainda sofrem preconceitos e discriminações quanto a sua raça. O principal local onde deveriam ser trabalhadas questões sociais e relevantes que envolvam o negro positivamente é a escola. Tal local, em algumas situações manifesta-se erroneamente sobre essa questão. Por essa razão, afirma-se que:

> A escola é apontada como ambiente indiferente a particularidade cultural da criança negra, ao transmitir acriticamente conteúdos que folclorizam a produção cultural da

> população negra, valorizando uma homogeneidade construída a partir de um mito de igualdade racial. (RODRIGUES, 2006, p. 106)

A escola, enquanto promotora de uma educação voltada para todos, deveria considerar e valorizar a cultura negra ao longo da história, a qual está, significativamente, enraizada na cultura brasileira, trazendo benefícios e riquezas para a sua população.

De fato, a educação só será eficaz quando for valorizada toda a diversidade encontrada na sala de aula; quando, efetivamente, se concretizar o respeito e a atenção devida pelo outro, seja qual for sua raça, classe social, gênero, estrutura familiar e religião. A educação para todos deveria proporcionar iguais oportunidades para os diferentes, o que poderia ocasionar mudanças positivas no país.

Considera-se ainda a educação como um dos meios principais para evitar o preconceito e a discriminação na sociedade, apesar de muitos insistirem em preservá-lo em suas vidas, não sabendo que esse comportamento errôneo pode afetar muitas pessoas, negando-lhes o direito de serem tratados como cidadãos, como ser humano, verdadeiramente.

1.4 A discriminação contra o negro no Brasil

A discriminação que o negro sofreu durante toda a sua história de escravidão e pós-escravidão no Brasil ainda continua presente. Essa idéia pode ser explicada pelo fato de que, pessoas que se julgam brancas têm os negros como pessoas inferiores, sem cultura, ou até como marginais. Isso se deve ao fato de existir, ainda com muita ênfase, resquícios do tempo escravista, internalizados nessas pessoas.

Em se tratando de educação, a referida raça enfrenta maiores dificuldades no que se refere ao acesso e permanência na escola. Sendo assim,

> Como nas outras esferas da vida social, os negros (pretos e pardos) são também penalizados no plano da educação: enfrentam maiores dificuldades de acesso e permanência na escola, assim como enfrentam escolas de pior qualidade, rendimento, e maior índice de reprovação e atraso escolar do que aquele observado entre os brancos. (ROSEMBERG, 1998, p. 79)

Esse atraso e reprovação são confundidos, muitas vezes, pela falta de interesse por parte dos alunos que passam por esse problema. É certo que, em algumas situações, essa falta de interesse seja motivo real. No entanto, é importante que se perceba o descaso e a discriminação que os negros ainda sofrem por parte daqueles que se julgam brancos, que relacionam a raça negra a tudo que é ruim, como se o negro não fosse gente.

É de fundamental importância que esses fatores raciais sejam discutidos na escola a fim de que os negros sejam reconhecidos como verdadeiros seres humanos, na sua essência. Em se tratando do contexto da sala de aula, mais precisamente da relação professor/aluno e aluno/aluno, pode-se dizer que "[...] os negros são percebidos de modo negativo no plano de suas possibilidades intelectuais. Entre os alunos, a prática de exclusão de colegas negros e apelidos pejorativos não são raros, comportamentos estes na maior parte das vezes ignorados pelos professores" (ROSEMBERG, 1998, p84).

Como se pode perceber os negros são vistos, em diversas situações, como pessoas desprovidas de conhecimentos e essa deficiência é justificada pela questão de sua raça. É como se a raça de um indivíduo determinasse suas capacidades e habilidades intelectuais.

É visto também o descaso de colegas de sala e professores com alunos negros em relação a sua cor, como se esta fosse um forte motivo para chacotas entre os colegas. Como se não bastassem as gozações, assenta-se a isso o descaso e a falta de importância atribuída pelos professores para com a história e cultura dos negros.

Para que essa situação se modifique é preciso que professores tomem consciência do que é ser negro realmente, do que significa a raça negra e utilizem-se de sua história de maneira consciente e responsável, para orientar corretamente seus alunos e a relação estabelecida entre eles. Sendo assim:

> A igualdade de oportunidades é um conceito ou princípio que se reporta a uma realidade social com *desigualdades diferenciadas,* resultantes de distintas determinações históricas que precisam ser tornadas visíveis e reconhecidas pela sociedade como um todo. (CARONE, 1998, p. 179).

Sabendo o que é ser negro, verdadeiramente, professores e alunos terão uma relação de parceria e de troca de conhecimentos, no sentido de buscar a igualdade de oportunidades entre as raças, o que realmente é importante e essencial na educação e na a aquisição dos conhecimentos.

1.5 O negro na sociedade brasileira: o que dizem as leis?

Muito se vem falando a respeito das leis que favorecem os negros, existentes no Brasil. Estas têm a intencionalidade de garantir o direito à cidadania dos negros e torná-los sujeitos de direitos e deveres iguais aos brancos.

Uma das Leis mais fortes e marcantes da sociedade brasileira em favor da proteção dos negros é a chamada Lei Caó, promulgada em janeiro de 1989. A mesma surgiu com o propósito de combater (ou pelo menos diminuir) os crimes cometidos contra os negros. Em conformidade com a lei 7. 716, de 05 de janeiro de 1989, também conhecida como Lei Caó, a pena para os crimes raciais é de 1 a 5 anos sem direito a fiança. Essa lei define os crimes de natureza de raça e cor. (BRASIL, 1989, p.02)

A lei Caó é aplicada àqueles que, por ventura, impedem os negros de realizar certas coisas comuns que todos os cidadãos possuem o direito de realizar, como entrar em determinados estabelecimentos públicos, ou ter o mesmo atendimento que os demais cidadãos em locais de comércio, dentre outras situações.

Essa mesma lei sofreu algumas alterações em seus artigos 1 e 20. Essas alterações foram sancionadas em 13 de maio de 1997 pelo deputado Paulo Paim. Os supostos artigos dizem o seguinte:

> Art. 1 "Serão punidos os crimes resultantes em discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional".(BRASIL, 1989, p. 04)
> Art. 20 "Praticar, induzir ou iniciar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa." (idem, p. 05)

A referida lei pune qualquer manifestação que retrate o preconceito contra o negro, seja por via oral ou até pelos meios de comunicação como rádio, televisão, internet, etc.

Com o passar dos anos, concomitantemente com a evolução da sociedade e dos meios de comunicação foi necessário que se criassem novas leis e princípios que garantissem todos os direitos e privilégios que os negros sempre mereceram e, desde a vinda deles para o Brasil, não tinham usufruído de tais benefícios.

Em 1988 foi criada e promulgada a Constituição Federativa do Brasil, que, além de garantir direitos e proteção aos habitantes do país no geral incluindo os negros, também

estabelece em seu artigo 5° "que todos são iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza..."

O Estatuto da Igualdade Racial defende rigorosamente os direitos conquistados pelos negros, esta lei garante seus direitos enquanto cidadãos e cidadãs de bem, que merecem ser tratados como tais. Sendo assim, pode se dizer que:

> Art. 1°. Esta lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância ética. (BRASIL, 2010, p. 07)

Como pode ser percebido no artigo 1° da Lei 12. 288 – Estatuto da Igualdade racial – os negros estão protegidos de toda forma de discriminação, de preconceitos, como também de toda forma de impedimento em exercer seus direitos de cidadãos, como realmente são.

No que diz respeito à educação, os negros terão o direito de verem sua cultura sendo reconhecida na escola, como defende o Art. 11 do Estatuto da igualdade Racial, quando afirma que "nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil [...]." Dessa maneira todas as crianças e jovens que ingressarem na escola terão o contato com a História e Cultura Afro-brasileira, como também, os participantes ativos dessa história – os negros – serão reconhecidos e respeitados. De acordo com as leis, tudo isso deveria ser garantido, pois os negros são cidadãos ativos na sociedade e deveriam ser reconhecidos dessa forma.

Não só na educação, mas em todo âmbito social e cultural, os negros deveriam ter sua garantia de direitos. Sendo assim, é correto afirmar que:

> Art. 39. O poder público promoverá ações que assegurem a igualdade de oportunidade no mercado de trabalho para a população negra, inclusive mediante a implementação de medidas visando à promoção da igualdade nas contratações do setor público e o incentivo à adoção de medidas similares nas empresas e organizações privadas. (BRASIL, 2010, p. 21-22)

Igualdade de oportunidades de trabalho é o principal desafio para o país, pois durante muitos anos, essas oportunidades não existiram devido ao fato da escravidão ter massacrado e discriminado, de forma totalmente injusta, os negros, que trabalhavam incansavelmente sem receber remuneração e em péssimas condições de trabalho.

Infelizmente, pode-se perceber na sociedade brasileira, ainda hoje, certa discriminação contra os negros por parte daqueles que se autojulgam "brancos". Como também, em diversas situações, o negro é motivo de chacota entre pessoas preconceituosas.

Como leis, tão claras e objetivas, não estão sendo obedecidas?

Sabe-se, de fato, que para uma sociedade manter o equilíbrio e o bem-estar entre seus cidadãos e cidadãs, é necessário que existam normas e princípios, para que se evite o caos social. No entanto, dificilmente estas leis são obedecidas, pois, existem, na maioria das pessoas, resquícios dos tempos da escravidão no Brasil. Resquícios estes que reforçam todo tipo de discriminação contra os negros. E essa discriminação revela a possível rejeição ou até ignorância dos afrodescendentes, quando são vítimas da discriminação racial.

Mesmo com diversas manifestações de falta de respeito para com os afrodescendentes, a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) busca, como o próprio nome já sugere, favorecer a igualdade de direitos e deveres entre as raças, ou seja, essa política visa trabalhar para que seja extinguida, ou pelo menos diminuída, a discriminação de raça no Brasil.

Sendo assim, a PNPIR objetiva, primeiramente, a redução das desigualdades raciais no Brasil, com ênfase na população negra, mediante a realização de ações exequíveis a longo, médio e curto prazos com reconhecimento das demandas mais imediatas, bem como das áreas de atuação prioritária. (BRASIL 2003)

De acordo com a PNPIR, a população negra teria prioridades no que diz respeito ao processo de proteção a cidadãos nos seus direitos legais, ou seja, a prioridade nos direitos constitucionais refere-se à execução de políticas públicas que favoreçam, em primeiro lugar, aos negros, por se tratar de uma população que sofreu danos, muitas vezes irreparáveis, na história da escravidão no Brasil.

2 - ANALISANDO OS ACHADOS DA PESQUISA

Este capítulo refere-se à análise da pesquisa trabalhada a qual abordará como as crianças se relacionam na escola, quais são seus pensamentos e ideias com relação ao ser negro, como também tratará sobre o quesito preconceito, em termos de análise de coleta de dados

2.1 Relacionamento na escola e em sala de aula

Sabe-se o quanto é importante o bom relacionamento das crianças na escola, independente do nível de ensino, o qual pode proporcionar uma gama de conhecimentos de grande valia para as crianças, levando-as a tornarem-se adultos responsáveis e, de fato, cidadãos e cidadãs conscientes e críticos da sua própria realidade. No que se refere ao desenvolvimento através da interação social, pode-se dizer que:

> Para se humanizar, o indivíduo precisa crescer num ambiente social e interagir com outras pessoas. Devido a essas características especificamente humanas, torna-se impossível considerar o desenvolvimento do sujeito como um processo previsível, universal, linear ou gradual. O seu desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que se insere, e se processa de forma dinâmica (e dialética) através de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo. (REGO, 1998, p. 61)

Como pode ser percebida, a socialização dos indivíduos é de fundamental importância para a constituição destes como seres dotados de saber e conhecimento crítico, como também no desenvolvimento de intervenções críticas, políticas e culturais na sociedade em que estão inseridos.

Em se tratando da pesquisa realizada na escola da rede pública, percebeu-se, inicialmente tranquilidade, no que diz respeito ao comportamento dos alunos em sala de aula e essa tranquilidade facilitava o relacionamento entre educandos e também com a professora, que possivelmente, conduziria com satisfação suas aulas.

Entretanto, no decorrer das observações, percebeu-se uma grande agitação por parte das crianças pesquisadas. Através de gritos, agressões físicas, xingamentos e apelidos pejorativos que se fizeram presentes em todo decorrer da pesquisa. Apesar destes comportamentos, o trabalho de coleta dos dados transcorreu normalmente.

Quando se perguntou a alguns alunos sobre sua relação com os colegas, percebeu-se uma espécie de repudia de uns em relação a alguns outros, como se pode ver na fala de uma entrevistada.

> Ah! Minha relação é boa, mas, sei lá, eles são ruim pra professora, eles dá na professora, eles faz tudo com a professora, [...] aí a relação é essa [...]. Eu com eles é legal, num é? Porque com os alunos tem que ser legal, são os meus coleguinhas mais preferidos. RA, ela é minha parente, mas é parecido como ela é minha colega. Tem uns que é colega, mas ninguém é colega de um. Quem é colega é a família. (ALICE).

Como se pode perceber, inicialmente na fala da entrevistada há insatisfação com o comportamento de alguns colegas em relação à professora da turma. Em seguida, a mesma criança fala da importância de ser amiga dos colegas, porém, parece uma maneira camuflada de dizer que não tem um bom relacionamento com todos e o fato de ser amiga, revela-se como uma obrigação, levando-se a pensar que alguns deles têm amizade apenas com pessoas de sua família.

Outra criança entrevistada revelou em sua fala, sua preferência pelas "meninas", no que se refere ao relacionamento em sala de aula. A mesma, a ser questionada sobre o assunto diz: "é normal, é aqueles menino chato, tudo brigando, agora as meninas, eu gosto mais delas". (BRUNA)

De acordo com a criança citada, juntamente com as observações em sala, percebe-se separação entre meninos e meninas. Essa separação, inicialmente, é reforçada pela professora em relação à organização da sala de aula. É possível perceber que, a ideia da professora em separar meninos e meninas, gera atritos entre eles. De fato, a suposta separação pode influenciar no cotidiano dessas crianças, gerando concepções errôneas de gênero e contradições no modo como se relacionam.

Outra criança demonstrou, da mesma maneira, antipatia pelos meninos, o que se percebe em sua fala: "[...] os meninos é muito chato pra mim, vivem puxando meus cabelo, é legal, mas as meninas, eu gosto muito das meninas". (MARIA)

As demais crianças entrevistadas deram respostas diversificadas em relação às citadas anteriormente. Dentre estas, destaca-se uma que se desagrada de uma colega, não por questões de amizade, mas em relação aos estudos. Como se percebe em sua resposta: "RA, é uma pessoa muito chata, num sabe muito da tarefa". (FÁTIMA). Nessa fala da entrevistada, nota-se que o fato de sua colega ter ou não ter o conhecimento de determinada atividade, influencia no seu grau de amizade para com ela.

Como foram percebidas no decorrer da pesquisa, em se tratando da relação entre os alunos na escola, as falas das crianças coincidem com as observações feitas em sala de aula, inclusive no momento do recreio, no qual as crianças brincam, na maioria das vezes, correndo por toda a escola. Brincadeiras essas que, muitas vezes, geram conflitos e brigas. "vamos brincar de toca"! "O toca é tu agora!" "Corre!" "Ai!" (MENINAS DA TURMA).

Esse momento retratou como as crianças se relacionam no intervalo proposto pela escola. Intervalo este sem monitoramento de professores ou quaisquer membros da escola. Percebeu-se que, mesmo sem intenção, as crianças acabam se machucando Trata-se de uma criança negra existente na sala de aula que foi alvo da pesquisa.

No decorrer das observações, foi percebido algo que, de certa maneira, diferenciava-se da naturalidade a qual as crianças se relacionavam. Apesar do bom relacionamento, naquele grupo existia uma criança tratada pelos outros de forma diferenciada. Percebeu-se durante toda a pesquisa que a referida criança não tem relacionamento com nenhum colega de sua turma, seja esse de conflitos ou de paz. Ela simplesmente não tinha a atenção de nenhum colega, e em todos os momentos da observação, foi vista escanteada por toda a turma. Essa mesma criança, numa dinâmica feita pela professora chamada "amigo secreto", a qual todas as crianças deveriam escrever cartinhas para seus colegas que fossem sorteados como amigo, recebeu uma cartinha de um colega. Essa suposta carta dizia coisas terríveis, relacionadas às suas características físicas. Acredita-se que o desprezo sofrido pela criança negra em sala de aula, pode acontecer devido à concepção de negro das crianças da turma ser relacionado a coisas ruins, concepção esta que a sociedade traz consigo e a transfere para as crianças nas instituições de Educação. Sendo assim, pode-se dizer que:

> A constituição de identidade do ser humano como expressão de grupos e categorias sociais, está indiscutivelmente ligada ao processo de socialização [...]. Daí poder-se afirmar que uma das funções da socialização é a da construção da pessoa humana dentro dos parâmetros de seu *lócus* espacial, temporal e sócio-cultural, ou numa linguagem mais filosófica, dentro dos ideais ou modelo de pessoa definidos pela sociedade a que pertence. Em tal modelo, cabe desde o adestramento técnico dos educandos para atender demandas da estrutura social (principalmente, ocupacional), até o inculcamento de valores que dão os referenciais de sua visão de mundo e da sua própria imagem ou auto-representação. (PEREIRA, 1987, p. 41)

De acordo com o autor, a concepção de negro das pessoas em determinadas situações, depende de qual sociedade essas pessoas estão inseridas, pois a mesma tem o poder de "inculcamento" de valores, e esses valores contem resquícios dos tempos da escravidão.

Para ilustrar melhor essa discussão será exibido um relato a respeito do sentir-se desprezado pelo preconceito.

> No contexto escolar, meu silêncio expressava a vergonha de me reconhecer negra. Nas ofensas eu reconhecia "atributos inerentes" e, assim sendo, a solução encontrada era esquecer a dor e o sofrimento. Vã tentativa. Pois se pode passar boa parte da vida, ou até mesmo a vida inteira sem nunca esboçar qualquer lamento verbal como expressão de sofrimento. Mas sentir essa dor é inevitável. Da sua constância, aprende-se a, silenciosamente, "con-viver". (CAVALLEIRO, 1998, p. 12)

Percebe-se, nitidamente, que o silêncio da referida criança negra relaciona-se com toda forma de preconceito e discriminação existentes dentro e fora da escola, pois, o relato de Cavalleiro revela sofrimento num silêncio que não é percebido pelos membros da escola, porém, é vivido constante e cruelmente pela criança a qual fez parte da pesquisa.

2.2. O que é ser negro?

Quando perguntamos sobre sua identificação, geraram muitas dúvidas e, quando era respondida, nunca correspondia com a realidade da criança, como ilustra a fala: "Num sei". "O que é ser negro? Eu pinto de branco"! (PEDRO)

Para algumas crianças, ser negro é ser maltratado, para outras, indiretamente, é ser anormal. Muitas respostas revelaram preconceito, outras, ao contrário, revoltam com o preconceito. Eis a fala de uma criança revoltada com o preconceito contra os negros: Eu penso, ai meu Deus! Será que essa pessoa, será que essa pessoa ainda vai sofrer no mundo? Eu penso desse jeito, porque tem gente que é muito mal tratado. Meu pai [...] ele já foi muito maltratado, muita das vezes[...]. (ALICE)

A fala da referida criança, como se pode perceber, revela revolta pelos maus tratos que muitos praticam contra os negros. Em momento algum se fala em características da raça, mas de tudo o que os negros sofreram ao longo da história da escravidão. Isso acontece, de maneira geral, pelo fato de, na própria história da vinda dos negros para o Brasil, estes serem tratados como bichos, coisas, mercadorias a serem compradas e vendidas. Os mesmos vinham em péssimas condições, chegando, por muitas vezes, a morrerem no percurso por falta de um tratamento digno como seres humanos.

A criança acima revela ainda mais seu pensamento e indignação em relação às condições impostas ao negro.

> Eu penso que é do jeito de mim. Eu penso que [...] tem gente que é muito mal tratado, não é justo. É isso que eu penso. Que ele é maltratado. Quando era no tempo dos judeus, acho que eles davam nos negros, aquilo dali não era pra ser feito. Tem preconceito com tudo esse povo, tudo. (idem)

Como se pode perceber, a criança entrevistada fica revoltada e triste em relação a qualquer tipo de maus tratos contra os negros. Seu pensamento é voltado às injustiças, ao descaso praticado contra o povo negro tão discriminado. De acordo com Abramowicz e Oliveira, "[...] a criança negra não se vê representada em nenhum lugar, nem mesmo nos livros didáticos, e esse fato reflete-se na sala de aula, nas relações afetivas [...].Sendo assim, essa negação revela a revolta da criança quando vê um indivíduo sendo discriminado pela sociedade, apresenta aspectos negativos no que diz respeito a sua afetividade.

Durante observações realizadas na escola, uma criança considerada negra, era discriminada por seus colegas de sala por sua cor e cabelos crespos. Essa discriminação dizia respeito aos desprezos causados pelos colegas, não só nas brincadeiras, mas também no momento de realização das atividades.

Ao longo das observações, essa discriminação aumentava, fazendo com que a criança indicasse alguns traços de timidez e baixo rendimento escolar. Durante a pesquisa, percebeu-se a ausência da escola em oferecer subsídios para que se efetive uma prática escolar voltada para a igualdade de valores e o respeito às diferenças encontradas na escola.

Outras respostas relacionadas à definição de "ser negro" revelaram um alto grau de preconceito de uma criança ao dizer que ser negro "é carvão [...] porque nego é feio demais!" (PEDRO). A fala da referida criança só reforça o preconceito existente em sala de aula, pois, além de restringir o conceito do ser negro apenas à cor, ainda revela a opinião preconceituosa e discriminatória de que ser negro é ser feio.

De acordo com Gomes (2006, p35) "ser negro não diz respeito apenas aos fatores biológicos, ao fenótipo. Ser ou pertencer a um grupo etnicorracial diz respeito também, a fatores de ordem cultural e política." Como se pode perceber, o ser negro vai muito além de aparências físicas, também implica todo um conjunto de fatores de ordem cultural e político, presente em qualquer grupo humano.

Outra concepção de negro verificada na pesquisa, refere-se ao discurso de uma criança que demonstrava certa confusão em seus conceitos, pois, ao mesmo tempo em que afirmava não ter discriminação pela raça negra, inconscientemente essa discriminação fluía.

> O que é ser negro? [...] por exemplo: [...] eu sou negra, aí chega uma pessoa, aí diz assim: "oxe [...] ME. tá tão feia"! [...]aí eu chego em casa e digo: "mãe, essa pessoa disse aquilo e assim, aí, ela, mãe diz assim: "fique calada, aí quando for, você me amostra, se você for negra, deixe pra lá, num ligue [...] num fale nada, diga a professora, num fale nada, ou quando você chegar em casa diga que ele disse, que eu vou lá [...] e respondo porque ele disse que você é negra!"(PATRÍCIA).

Percebe-se, na fala dessa criança, certa repulsa, ou negação a raça negra, pois, a entrevistada relata uma briga ocorrida na escola, na qual, foi chamada de negra, e encarou isso como uma ofensa. De acordo com o ocorrido, as intenções de um grupo de crianças ao chamar outra de negra seria ofensa, pois o significado de ser negro para elas era de algo considerado negativo. Percebeu-se também, na suposição acima, o reforço da mãe, ainda que de maneira inconsciente, ao preconceito e à discriminação com a raça citada.

Em outras palavras, a fala da criança indica que, para ela, a mesma não é negra, apenas se colocou como negra para tentar explicar o que é ser negro. Mesmo se a criança se considerasse como negra, esta encararia a situação como algo negativo, ruim, que apenas serviria de chacota para as outras crianças.

Além disso, a criança, o tempo todo se dizia negra, não para afirmar sua identidade de ser negra, mas, para citar como exemplo do que é ser negro. Ou seja, na fala da criança, ela se colocava enquanto negra apenas como forma de simulação, para representar como um negro é tratado na realidade e, indiretamente demonstrava, como pensava a respeito do que é ser negro.

Foi visível, durante a pesquisa, como as crianças ainda carecem de conhecimentos sobre o verdadeiro sentido do que é ser negro, pois, em diversas situações, estas crianças demonstravam dificuldades quando eram indagadas sobre o assunto. Isso acontece pelo fato de a escola e a própria rotina em sala de aula, não darem conta da real necessidade dos alunos pertencentes aos diferentes grupos etnicorraciais. Necessidades essas que dizem respeito à falta de trabalho com essas diferenças em sala de aula.

Até as crianças que realmente se identificam como pessoas negras têm dificuldades de conceituar sua própria raça, pois apenas apresentam adjetivos do que é ser negro. Como

demonstra uma das crianças entrevistada, ser negro é: "Bonita, [...] charmosa, [...] porque são gente boa". (CAIO).

É devido a todas essas concepções citadas neste tópico, que se faz necessário repensar a educação nos dias atuais, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois, nesse período, é importante que se reforce, na prática pedagógica dos professores, o respeito aos colegas, as diferenças presentes em sala, bem como o valor que cada um tem, independente de raça, sexo, ou classe social a que pertença.A amizade e o carinho que cada um deve ter, não só pelo colega de sala, ou quando está na frente do (a) professor (a), mas em qualquer lugar, pois o ato de ser um cidadão que respeite o diferente não se resume a sala de aula, perpassa todos os âmbitos sociais.

2.3 Identidade e raça: ser ou não ser negro?

Como visto anteriormente, o conceito de negro vai muito além da simples cor da pele de alguém. Ser negro é uma questão de identidade, pautada na cultura e história africanas vivenciada no país, desde o período escravista.

> A identificação é uma opção política. Identificar-se como negro não significa ter reivindicações coletivas para com as populações negras. Isso poderia está ligado a algo que chamamos de identidade. [...] o processo de colonização e escravização do continente africano e de seus povos é o contexto histórico no qual devemos pensar a construção da chamada identidade negra no Brasil. (JOVINO, 2006, p. 69).

Percebe-se, então, com essa fala, ser importante conhecer a história africana e também a do Brasil, sua cultura e seus descendentes, para então saber identificar-se ou não como sendo negro. O fato de ser negro vai além de ter nascido na África, ter a pele negra, os cabelos crespos, nariz achatado, entre outras características. Muito além desses aspectos físicos, ser negro é pensar culturalmente a história africana e a do Brasil, é uma questão de identificar-se com essa história e cultura.

Durante a pesquisa percebeu-se que a maioria das crianças não se reconhece negra e essa negação pode estar ligada à falta de conhecimento relacionada identidade da raça negra. Dessa maneira, percebe-se o desconhecimento dessas crianças em relação à referida raça. No

entanto, chamou muito a atenção uma menina (que se assumiu negra) declarando sua identidade.

No momento da realização das entrevistas das oito crianças participantes, 5 (cinco) não assumiram sua identidade negra, e 3 (três) afirmaram serem negras, mas uma delas demonstrou não gostar dessa condição e, além disso, sua definição no que se refere ao ser negro foi: "porque eu ando muito no sol. Por isso eu sou negra". (MARIA)

A afirmação dessa criança deixa claro o quanto ela desconhece o conceito e a essência do que é ser negro. Isso acontece pelo fato de, geralmente, os professores (como também os pais) não terem conhecimento da cultura afro-brasileira, pois, como foi observado na sala de aula pesquisada, pouco se falava sobre o negro e sua cultura, e quando se tocava nesse assunto, era apenas para repreender os alunos não negros por estarem agindo com violência, tanto física quanto psicológica, para com as crianças negras que faziam parte da turma.

No entanto chamou a atenção uma criança que se assumiu negra, deixando claro sua forte identificação e autoconfiança em pertencer a esse grupo racial. "Eu me considero, agora quem tem preconceito que se vire, porque o preconceito é feio, muito feio. Eu me considero, mesmo que me chame de negra, de tudo. Eu me considero." (ALICE).

Percebeu-se, de acordo com a criança citada, que ela demonstrava satisfação e orgulho em dizer que é negra, ao contrário das demais que afirmaram ser negras, mas, não demonstraram entusiasmo com a referida afirmação. Isso acontece, pois essa criança, em todo momento da entrevista demonstrou naturalidade com relação a essa identidade. Nas observações, ela demonstrou ser uma criança extrovertida e comunicativa, tendo bom relacionamento com alguns amigos, e principalmente com a professora. As demais crianças que se identificaram como negras e, que não demonstraram entusiasmo com essa identificação, revelaram-se mal sucedidas na escola, principalmente na relação com os colegas.

O modo desanimado de se auto-afirmar ou até a negação dessa afirmação, pode ser explicada por meio da construção histórico-cultural negativa dessa população. A história dos negros do Brasil representou uma constante luta por direitos, desde aqueles mais simples como estar presente num estabelecimento público, até os direitos constitucionais, existentes através das leis, porém tal fato não foi considerado historicamente. O que se pode ilustrar melhor com a fala:

> [...] a ideia que se construiu a respeito do negro como inferior não foi abolida junto com a escravidão. A exclusão perpetuou-se. [...] os negros continuaram a ser pensados e tratados como inferiores, e isso se manifestou por meio da negação das oportunidades de emprego, escola e participação em outras esferas da vida social que o racismo promoveu. (GOMES, 2006, p. 130)

A história e a cultura dos negros no país não foram fáceis, como destacado no presente trabalho. Foi uma história de dor, injustiça e discriminação. Tudo isso deixou resquícios marcantes, ainda que inconscientes em certos casos. Esses resquícios se fizeram presentes nas falas das crianças pesquisadas, principalmente aquelas desestimuladas. Falas essas que revelaram as facetas dessa discriminação e todo o sofrimento causados aos negros desde a época da escravidão, que se identifica na atualidade.

2.4 A face do preconceito racial: O que dizem as crianças

Sabe-se que o preconceito etnicorracial perpassa por toda a sociedade, muitas vezes de maneira inconsciente e ideológica. A pesquisa realizada na escola enfatiza, diversificadamente, manifestações preconceituosas relacionadas aos negros. Uma dessas manifestações é ilustrada através da fala de uma das crianças entrevistadas.

> Tenho sim relação com negro. Mas eu num digo as coisas, eu num digo que eu sou branca e se ele encostar em mim eu já vou ficar preta, não! Eu só não sou como os outros que chega numa pessoa e diz: "Ah, eu num vou com a cara dessa pessoa porque ela é negra, não vou tocar nela porque num gosto [...] porque negro é feio, porque tem os cabelos secos". Por causa disso não. Eu, se eu quiser eu até encosto nela, que ela é negra, toda vez eu encosto. (PATRÍCIA)

Na situação citada, a criança faz uma tentativa de demonstrar sua suposta aceitação com as pessoas negras que convivem com ela diariamente na escola, porém, apesar dessa tentativa, percebe-se uma negação inconsciente da raça negra e do que ela possa representar.

Em outras palavras, a criança diz não ter preconceito, mas sua fala revela uma diminuição com os negros em relação às demais pessoas. É como se o negro fosse um ser inferior aos outros. Como se o fato dessa criança tocar uma negra fosse um motivo que a justificasse em não ter preconceito por essas pessoas, como demonstra sua fala.

> [...] não é porque uma pessoa ser negra e eu tocar nela aí eu já vou ficar negra. "Ah, vou tocar não, que já é feio". Não, não vou dizer isso não, porque isso é bullying [...] Mainha já disse: olhe, você não diga com ninguém que a pessoa é negra, porque se dizer que ele é negro vai ser bullying, pra polícia, e isso é bullying. Oh, meu pai é moreno e eu num digo nada, eu beijo ele, abraço, até tiro foto com ele, num digo nada. Se eu quiser eu posso até ter uma amiga morena, posso tirar foto dela [...]. (PATRÍCIA)

Percebeu-se que a criança fala, supostamente, a favor dos negros porque sua mãe lhe disse que não se deve chamar as pessoas de negras, como se ser negro fosse uma ofensa. Além disso, sua fala reforça sua negação étnica, quando diz que seu pai é moreno, e mesmo assim ela o toca, beija e tira fotos com ele.

A entrevistada demonstrou de modo reforçado, sua negação com a raça negra e o medo de dizer que essa negação é presente nos seus conceitos, faz com que ela tente simular situações que procuram demonstrar apreço pelos negros, quando só reforça os preconceitos que tem.

Duas crianças afirmaram não ter preconceito com o negro, porém, não sabiam definir, com precisão, a sua opinião a respeito do assunto.

Outra criança entrevistada que afirmou não ser preconceituosa, revelou, em sua fala, não saber o significado da palavra preconceito, pois, mostrou total discriminação e repudio contra os negros. Isso é confirmado quando diz que negro é "urubu" ou "carvão" (PEDRO). Assim percebeu-se que, além da criança não ter conhecimento a respeito do preconceito, demonstra desconhecer o que é de fato, ser negro, e ainda é percebida como alguém que não gosta de negro. Não restam dúvidas a respeito disso, pois sua fala é bastante reveladora. As demais crianças entrevistadas também concebem o negro como feio, pelo fato de ter a cor da pele escura.

Sendo assim, alguns autores debatem a questão do preconceito dos negros referente à sua cor. Dessa maneira, é correto afirmar que:

> Quando utilizamos o termo "pessoa de cor" para nos referir a uma pessoa de ascendência africana negra, negamos a existência de negros, como parte da composição de sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que transformamos um negro num grupo sem identidade clara. (ITANI, 1998, p. 22)

Como pode ser observado, a cor de uma pessoa, não deve ser caracterizada, determinantemente, como sendo a raça negra propriamente dita. A cor, por si só, é muito

limitada para conceituar uma raça, seja ela qual for. É preciso, nessa definição etnicorracial, que haja aprofundamento nos seus estudos, levando em consideração, além de características físicas, a origem das pessoas, suas crenças e costumes, enfim, toda uma cultura que as caracterizam.

Em se tratando das crianças citadas foi possível perceber, conceituadamente falando, indícios de preconceito, pois,

> O preconceito é um operador de apreciações idiossincráticas que é disparado para oferecer resistência aos efeitos transformadores das heterogeneidades, mantendo assim a estabilidade da norma. O preconceito só é possível nos processos de normalização, ou seja, na classificação, na medição. (FRANÇA, 1998, p. 209)

Pode-se dizer, portanto, que atitudes preconceituosas geram conceitos errôneos a respeito da pessoa humana, pois, estas compreendem a etnia negra como sendo algo sem nenhum valor. Isso ocorre pelo fato de referirem-se ao negro como este fosse uma pessoa menor em relação às demais.

O preconceito surge, muitas vezes, de maneira camuflada. Isso se explica pelo fato de muitas pessoas não se dizerem preconceituosas, porém revelarem preconceito de forma inconsciente através de seu comportamento. Esse comportamento diz respeito ao fato de, mesmo na intenção de esconder verbalmente, o preconceito aparece nas atitudes de um indivíduo. Segundo o autor:

> O gesto de não querer causar um mal, de não ofender, contém também um pressuposto da diferença de um preconceito que temos em relação ao outro. Como o comentário não pode ser público, porque pode ser tomado como uma ofensa, o preconceito é latente na fala, seja pela palavra, seja pelo cochicho, a linguagem do corpo serve como um instrumento de distinção entre os diferentes, deixando suas marcas pela expressão. (ITANI, 2006, p. 123)

Como explicado nessa pesquisa, o preconceito se faz presente de várias maneiras, inclusive nas expressões comportamentais e discursivas dos indivíduos preconceituosos. Ou seja, não são apenas as ofensas diretas que se afirmam como preconceito, às vezes, as ofensas indiretas causam marcas ainda mais comprometedoras naqueles que se tornam suas vítimas.

CONSIDERAÇÕES

Sabe-se que é de relevância social trabalhar com crianças as questões etnicorraciais, pois é através do conhecimento escolar que se pode observar mais de perto e entender o que, de fato, estão aprendendo na escola referente à história e cultura dos seus ancestrais negros e como estão se desenvolvendo intelectualmente.

De fato, a pesquisa referente às questões etnicorraciais e culturais revelou o que foi discutido no referencial teórico. As manifestações de preconceito, discriminação e ignorância sobre o que diz respeito ao negro, à história e à cultura afro-brasileira se fizeram presentes em todo o decorrer da pesquisa, o que mostra a urgente necessidade de se estudar conteúdos ligados à história do povo negro nas escolas, ou seja, que a Lei 10.639/2003 seja realmente implantada nos currículos escolares.

A escolha da temática "Concepções de alunos do 5° ano sobre a cultura afro-brasileira" surgiu pelo interesse de estudar, não só a cultura em si ou a concepção do que é ser negro, mas de como os negros estão sendo vistos e tratados na sociedade em que estão inseridos. Essa pesquisa fez entender melhor o que se passou na história e cultura afro-brasileira, assim como algumas lutas e reivindicações referentes aos direitos dos negros no Brasil enquanto cidadãos de bem, com o direito de viver dignamente em sociedade como os demais indivíduos.

É importante que existam políticas públicas de promoção da igualdade de direitos e deveres entre negros e não negros em prol de uma convivência igualitária na sociedade.

A escola, principal instituição de promoção da cidadania na sociedade, tem um papel de grande relevância para o trabalho com questões etnicorraciais. Mas, infelizmente, na atualidade, a referida instituição ainda não está dando conta dessas questões, fazendo com que concepções errôneas a respeito do negro e dos assuntos referentes a sua história e cultura sejam perpetuados e reforçados negativamente, como visto nessa pesquisa.

Necessário se faz que a escola reveja suas práticas, não só relacionada ao professor, mas aos demais sujeitos que a compõe, em todos os níveis da educação, para que o sistema de ensino esteja atento às questões etnicorraciais, e os negros não continuem passando por humilhações e manifestações preconceituosas, reforçadas no cotidiano escolar e social, por falta de uma educação que respeite e considere as diferenças das pessoas em seus locais de convivência. Ou seja, que a escola e seu ensino representem, de fato, a real diversidade etnicorracial da população brasileira.

Dessa maneira é proposto para as instituições educacionais que prestem atenção ao que acontece no seu cotidiano, para que medidas sejam tomadas e que o negro deixe de ser visto de maneira negativa. É preciso também que os profissionais da educação adotem medidas cotidianas, no que diz respeito ao combate do preconceito na escola, para que a população negra tenha seus direitos garantidos, e que acabem com a discriminação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **A escola e a construção da identidade na diversidade.**In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (autores associados).2006a

AMARAL, Lígia Assunção. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação.** In: AQUINO, Julio Groppa. (Orgs). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. a

BRASIL, 1989. Lei n. 7.7.16 (Lei Caó) de 1989 . In: Racismo no Brasil.: Legislação e as Leis do passado. http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/rn_dr_legisla.htm .acesso em 19 de janeiro de 2012.

BRASIL, 2003. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos Jurídicos. **Decreto nº 4886, de 20 de novembro de 2003.**

BRASIL, **Estatuto da Igualdade Racial**. Mesa da câmera dos deputados. 53 Legislatura - 4ª Sessão legislativa. Edições câmara, Brasil-2010.

CARONE, Iray. **Igualdade versus diferença: um tema do século**. In: AQUINO, Julio Groppa. (Orgs). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.São Paulo: Summus, 1998.b

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo, 1998. http://xa.yimg.com/kq/groups/19003918/1691636777/name/TESE acesso em 27/04/2013

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** Cedes:Campinas, vol. 25, p. 378-388, set/dez.2005. disponível em <http//www.cedes.unicamp.br>

FRANÇA, Sônia Aparecida Moreira. **Diferença e preconceito: a efetividade da forma.** In: AQUINO, JulioGroppa. (Orgs). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.São Paulo: Summus, 1998. c

GOMES, Ana Paula Pereira. **Respondendo a perguntas de professores da rede pública sobre a questão racial. .** In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto. (orgs). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (autores associados), 2006. b

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica.** In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (autores associados),2006.c

JOVINO, Ione da Silva. **Diversidade e Juventude: considerações sobre e práticas culturais juvenis. .** In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (autores associados), 2006.d

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5ª ed. 3ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Heloísa Monteiro e Francisco Settineri (trad). Porto Alegre: Artmed;Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** 2ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MATOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira.** São Paulo: Contesto, 2007.

MORAIS, Evaristo de. A escravidão africana no Brasil (das origens a extinção). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 3ª Ed., 1998).

PEREIRA, João Baptista Borges. **A criança negra: identidade étnica e socialização.** CAD. Pesqui. [online], 1987, n. 63.

REGO, Teresa Cristina R. **Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais.** In: AQUINO, Julio Groppa. (orgs). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.São Paulo: Summus, 1998.d

RODRIGUES, Tatiane Consentino. **Movimento negro e o direito a diferença.** In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto. (orgs). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (autores associados), 2006.e

ROSEMBERG, Flávia. **Raça e desigualdade educacional no Brasil. .**In: AQUINO, Julio Groppa. (orgs). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.São Paulo: Summus, 1998.e

APÊNDICE

ENTREVISTA

1. Como é sua relação com os colegas da turma?
2. Você se considera negro? Por quê?
3. O que você pensa de uma pessoa negra?
4. Você brinca e/ou realiza seus trabalhos escolares com colegas negros?
5. Para você, o que significa ser negro?
6. Você se considera uma pessoa que tem preconceito com pessoas negras? Por quê?